

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Artes Marciais e Ditadura no Brasil: histórias que se cruzam? Incursões pelas páginas de "O Judoka"

Felipe Eduardo Ferreira Marta*

Resumo: “O Judoka” foi uma revista em quadrinhos mensal publicada a partir de abril de 1969, pela Editora Brasil-América LTDA (EBAL). Em seu sétimo número “O Judoka” passa a ser escrito e desenhado no Brasil. Nesse momento há uma mudança no argumento das histórias, a roupa do herói passa conter as cores e a forma da bandeira nacional e o herói deixa de ser representado por um soldado para se tornar um jovem estudante. Mas, qual o sentido de se desenhar um herói com as cores da bandeira do Brasil e ao mesmo tempo exaltar a prática das artes marciais nesse período? Um possível caminho para respondermos a essa questão surge da suspeita de que a EBAL era muito próxima ao governo militar. Nesse sentido, questiona-se: seria o binômio Regime Militar/Arte Marcial oriental uma possibilidade de explicação para o desenvolvimento das Artes Marciais no Brasil?

Palavras-chave: História – Artes Marciais – Ditadura Militar – Quadrinhos – EBAL.

Abstract: “The Judoka” was a monthly Comic book published since April 1969, by Brasil-America LTDA (EBAL). In its seventh number “the Judoka” starts to be written and drawn in Brazil. At this point a change happens in the stories argument, the hero’s clothes starts to contain the colors and the form of the national flag and the hero stops being represented by a soldier to become a young student. But, what is the point of drawing a hero with the colors of the Brazilian flag and at the same time to glorify the practice of the martial arts in this period? A possible way to answer this question comes from the suspicion that the EBAL was very close to the military government. In that sense, it is questioned: would be the binomial the Militarism/eastern Martial Arts a possible explanation for the development of the Martial Arts in Brazil?

Key-words: History – Martial Arts – Military Dictatorship – Comic Books – EBAL.

Introdução

O presente trabalho visa discutir os resultados preliminares de uma pequena parcela de nossa pesquisa de doutoramento que se encontra em processo de gestação e que tem como tema a investigação da influência das artes marciais no processo de reconhecimento e aceitação da cultura e das pessoas de origem oriental na cidade de São Paulo entre as décadas de 50 e 70 do século XX.

Nesse sentido, a análise de fontes ainda pouco exploradas entre os historiadores do esporte, como as histórias em quadrinhos tem nos auxiliado na percepção de que o avanço e desenvolvimento das artes marciais orientais na cidade de São Paulo não foi fruto apenas do abnegado e incansável trabalho de alguns poucos mestres imigrantes. Assim, nossas pesquisas

* Mestre e doutorando em História pela Puc-SP, Professor Assistente junto ao Departamento de Saúde da Uesb/Jequié (Curso de Educação Física) e bolsista Capes.

têm apontado para confirmação de uma suspeita: a existência de um terreno fértil onde as sementes dessa cultura corporal até então pouco conhecida entre os brasileiros puderam se desenvolver de maneira rápida e vigorosa.

Em outras palavras, a ascensão das artes marciais à atual categoria de alternativa bem popular de lazer/atividade física/defesa pessoal/esporte na cidade de São Paulo recoberta de um certo “glamour” proveniente da aura exótica e mística emprestada de suas origens orientais, teria sido beneficiada em seus primeiros passos no sentido de fincar suas raízes na cidade, pela existência de um “mercado de bens de consumo associados”, na forma como nos aponta Bourdieu (1983) em seu já bastante conhecido *“Como é possível ser esportivo?”*, que de forma lenta porém contínua, gradual e progressiva fundamentou e retro-alimentou o desenvolvimento dessas práticas corporais.

Dentre os componentes desse “mercado” destacamos o papel das mídias escritas, jornais, revistas de grande circulação e revistas especializadas, bem como das revistas de histórias em quadrinhos, elemento principal desse artigo, e que de acordo com os resultados obtidos até o presente momento em nossa pesquisa, foram fundamentais no trabalho de divulgação das chamadas artes marciais orientais.

“Judoka: um herói brasileiro¹”

“O Judoka” foi uma revista em quadrinhos mensal publicada a partir de abril de 1969, pela Editora Brasil-América LTDA (EBAL)². O acervo analisado encontra-se no “Centro Cultural São Paulo” mais precisamente na “Gibiteca Henfil”, e conta com cerca de 50 exemplares.

Nosso primeiro contato com o periódico já nos despertou para a necessidade de digitalização do material em função da grande riqueza de possibilidades de análise que o

¹ Frase extraída da capa de “O Judoka” em sua primeira edição escrita e desenhada pela Ebal no Brasil.

² “A Ebal foi a maior e mais importante editora de quadrinhos do Brasil, tendo sido criada em 1945 por Adolfo Aizen. A criação da editora foi quase uma decorrência do grande sucesso do “Suplemento Juvenil”. A Ebal publicou no Brasil inúmeros autores estrangeiros como: Walt Disney (Seleções Coloridas), Alex Raymond (Flash Gordon), Hal Foster (Príncipe Valente), Lee Falk e Phil Davis (Mandrake), Lee Falk (O Fantasma), Chester Gould (Dick Tracy) e Charles M. Schulz (Peanuts), além das revistas da DC Comics e mais tarde Marvel Comics. [...] Além do material importado a Ebal, valorizando os artistas brasileiros, publicou dezenas de talentos em revistas como Álbum Gigante, Série Sagrada que publicava biografias de santos católicos, a Edição Maravilhosa (mais tarde reeditada como Clássicos Ilustrados), que publicava versões quadrinizadas de obras de escritores nacionais, como José de Alencar, Euclides da Cunha e Dinah Silveira de Queiroz, ou a publicação de adaptações de fatos históricos como as séries Grandes Figuras do Brasil, Episódios e História do Brasil, esta última com textos do acadêmico Gustavo Barroso e extensa pesquisa iconográfica (que consumiu oito anos de trabalho) de Ivan Wash Rodrigues”. (C.f. <http://www.gibindex.com/enciclopedia/br/e/46>, acesso em 04/10/04)

mesmo apresentava. Porém este tipo de acesso não foi liberado com facilidade em função da lei de direitos autorais.

Assim, para que tivéssemos acesso ao acervo na forma como desejávamos foi necessária produção de um documento em papel timbrado da Puc-SP, com as assinaturas da coordenadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, da Prof^ª. Dr^ª. Estefânia K. C. Fraga, nossa orientadora, além é claro, de nossa própria assinatura.

Contudo, esse documento por si só não garantiu o nosso acesso ao periódico, pois ainda foi necessário submetê-lo à comissão administrativa do “Centro Cultural São Paulo”, processo que demandou o período de aproximadamente um mês. Por fim entre várias idas e vindas à “Gibiteca Henfil”, conseguimos o acesso ao material e a possibilidade de digitalização do mesmo.

Assim foram digitalizadas em parcialmente 12 revistas e duas estórias na íntegra. Optamos por esse procedimento, ou seja, não digitalizamos todo o material no sentido de evitarmos futuros problemas com direitos autorais, seara na qual preferimos não transitar, na medida em que uma das condições postas pelo “Centro Cultural São Paulo” foi exatamente a de se eximir de quaisquer responsabilidades a esse respeito.

Nesse sentido o que ora apresentamos são os resultados de nossos primeiros contatos com o material.

Conforme dito anteriormente, “O Judoka” foi uma revista em quadrinhos mensal publicada pela Editora Brasil-América LTDA (EBAL) cujo primeiro número chegou às bancas de jornal em abril de 1969. Os seis primeiros números são traduções dos originais publicados nos Estados Unidos da América pela “Charlton Comics”(figura 1).



Figura 1.

Logo em sua estréia a revista traz em seu editorial um texto que ilustra bem a necessidade de “alavancar” a nova publicação fazendo uso de vários elementos. A cultura oriental está presente na menção das artes marciais judô, karatê e jiu-jitsu, práticas que

gozavam de certa popularidade no final dos anos 60 do século XX, além é claro da própria indumentária de nosso herói. Noutra frente temos também um paralelo feito entre “O Judoka” e outras publicações de heróis, sucesso de vendas nos Estados Unidos da América do Norte e também já bem conhecidos do público brasileiro, que são ali arrolados com a nítida intenção de “emprestar” seu prestígio ao novo herói que nascia.

Dono de uma técnica de fazer inveja aos maiores mestres do judô, o herói desta revista, sempre que necessário, usa seus conhecimentos em defesa dos fracos e dos oprimidos. Judô-Master, que na vida real é Rip Jagger, é respeitado mesmo pelos mais ágeis Campeões do Sol Nascente, com os quais desenvolveu suas habilidades e conhecimentos de jiu-jitsu. Tanto o judô como o karatê são empregados por ele com grande talento e precisão. Um revólver, um punhal ou um objeto contundente tem o mesmo valor para nosso herói, que não se detém diante de nada quando há uma importante missão a cumprir. Os adversários temem só de ouvir o seu nome. Assim, para o nosso Judô-Master, a palavra lutar significa vitória, muito embora nem sempre esta seja tão fácil de se obter. Para realizar as suas missões, Judô-Master usa um uniforme vermelho e amarelo. No peito tem uma reprodução do sol nascente, amarelo. Uma máscara vermelha com um penacho amarelo completa a indumentária e oculta sua verdadeira identidade. Judô-Master – nome que significa mestre de Judô – é uma das coqueluches mais em voga os Estados Unidos. Sua revista só encontra paralelo, nas revistas Superman, Batman, Superboy, Supermoça e Tarzan, tal o número de leitores que possui. Bem, mas já chega de falar para não tirarmos de vocês o sabor do que vocês irão ver a partir de hoje. Continuem acompanhando as emocionantes aventuras de Judô-Master, em O Judoka, e verão que não os decepcionaremos. (JUDOKA. Rio de Janeiro:EBAL, no.1, 1969)

Os números traduzidos contam as aventuras de um sargento do exército norte-americano que disfarçado utiliza seus conhecimentos em artes marciais para derrotar seus inimigos representados por soldados do exército japonês (figura 2).



Figura 2.

Essa associação entre o herói e o exército norte-americano faz todo sentido na medida em que ao nos voltarmos para a história do período em que o quadrinho foi publicado temos nada mais nada menos do que o auge da chamada “Guerra Fria”.

Assim, também nos questionamos quanto possibilidade do exército ali apontado como inimigo, e que na tradução para o português foi classificado como japonês, ser na estória original algo se assemelhasse ao exército chinês. Mas, por quê? Ora, a China era um dos principais antagonistas à política dos Estados Unidos da América do Norte no período da “Guerra Fria”, o que em termos da difusão de um estereótipo desejável a juventude daquele país, algo que as estórias em quadrinhos se prestam com grande competência, faria todo o sentido.

Vale ressaltar que se trata apenas de uma suspeita, pois não tivemos contato até momento com a publicação original em inglês, nem com os responsáveis pela publicação no Brasil. Mas essa suspeita se deve ao fato de ao analisarmos as estórias em seu todo, texto e imagens nos depararmos com indícios que faziam referencia maior a China do que ao Japão. Chamamos a atenção a esse respeito para os locais em que se passam as estórias, o uniforme das personagens, e seus estereótipos.

Mas, se isso realmente aconteceu, ou seja, se a tradução para o português feita pela EBAL substituiu a China pelo Japão, outras questões emergem. Ao seja, qual sentido de se substituir um país por outro na hora de publicar uma revista em quadrinhos no Brasil?

A primeira questão nesse sentido seria simplesmente o fato de ter ocorrido um erro de tradução ou mesmo de não ter ocorrido erro algum e isso excluiria maiores possibilidades de análise.

Porém se ao contrário a substituição foi feita de forma deliberada a que se questionar se esse fato teria algum tipo de motivação relacionada com a realidade vivida em nosso país naquele período. Um período já distante da II Guerra Mundial, ocasião em que os imigrantes japoneses enfrentaram uma série de restrições impostas pelo governo brasileiro pelo fato do Japão ter sido um dos países do eixo.

A esse respeito Cytrinowicz (2000) atenta para o fato de que os imigrantes japoneses foram dentre os demais imigrantes oriundos dos países do eixo, os mais perseguidos no país durante o período da Segunda Guerra, e os únicos cujos bens foram confiscados.

Ainda segundo o autor, esse tratamento dispensado aos japoneses nesse período muito tem a ver com o ressurgimento de discurso discriminatório que em fins do século XIX colocou em cheque a vinda desse grupo de imigrantes ao Brasil como uma alternativa para a substituição do trabalho escravo nas lavouras brasileiras de café.

Mas, vale lembrar que os “ecos” da II Guerra mundial reverberaram durante um período significativo na colônia japonesa especialmente no Estado de São Paulo com o surgimento da organização “Shindô-Reinmei”³.

Assim, o fato tratar-se de um período distante da II Guerra Mundial, não se exclui a possibilidade do mesmo estar bem vivo na memória dos adultos da época, e por consequência dos responsáveis pela publicação.

Todavia, há um outro aspecto interessante com relação ao período em que “O Judoka” foi publicado no Brasil. E ele refere-se ao envolvimento de descendentes de imigrantes japoneses com aqueles que buscavam a redemocratização do país. Nesse particular foi bastante divulgado pela imprensa o caso da prisão de assim batizado “Terrorista Mário Japa” em São Paulo.

Todos esses aspectos somados podem explicar a contradição presente na versão brasileira do periódico retratando um oficial do exército norte-americano lutando contra os “malvados” japoneses dando ao mesmo tempo espaço em suas páginas finais à publicação do boletim informativo “Judô notícias”, onde além de notícias sobre academias de artes marciais não raro podiam ser vistos vários mestres de judô de origem japonesa.

A partir do sétimo número “O Judoka” passa a ser escrito e desenhado no Brasil⁴. Nesse momento há uma mudança radical no argumento das histórias. A roupa do herói passa conter as cores e a forma da bandeira nacional brasileira. E o herói deixa de ser representado por um soldado para se tornar um jovem estudante. E se nos números traduzidos os inimigos eram do exército japonês, nos números escritos e desenhados no Brasil eles passam a ser representados por membros de gangues urbanas e ladrões comuns (figura 3).



Figura 3.

³ Organização política criada por um grupo de imigrantes japoneses que tinha como principal característica o apoio às ações do Japão durante a II Guerra Mundial. Sua permanência continuou até 1949, mesmo com o fim da guerra e a rendição do Japão (Cf. NAKADATE, 1988).

⁴ No Brasil as histórias foram escritas por Pedro Anísio e desenhadas inicialmente por Mário José de Lima e Eduardo Baron, pois no que se refere aos desenhos observasse um rodízio entre vários desenhistas entre uma edição e outra.

Em nossa primeira análise das estórias de “O Judoka” escritas e desenhadas em nosso país muitas questões emergiram como, por exemplo, tentar entender qual o sentido de se desenhar um herói com as cores da bandeira do Brasil e ao mesmo tempo exaltar a prática das artes marciais nesse período? Além disso, até que ponto o fato desse herói ter como inimigo os integrantes de uma gangue de bairro, não estaria relacionado com um tipo de representação em que o conhecimento em Artes Marciais era enfatizado como uma maneira do “cidadão” se defender da violência urbana?

Um dado ainda mais interessante que emerge da leitura das estórias é a percepção do ideal de juventude que se queria ver difundido entre os leitores do periódico. Chamamos a atenção para um pequeno trecho, porém extremamente elucidativo presente logo nos primeiros quadrinhos do sétimo número da revista – o primeiro escrito e desenhado no Brasil –, onde num diálogo com sua futura namorada (Lúcia⁵), Carlos a personagem principal conta sua história de vida e revela seus planos futuros:

Carlos: Quando meus pais morreram, Tio Benevides, um arquiteto tomou conta de mim...

Lúcia: É triste ficar-se órfão em criança...

Carlos: Tio Benevides tem sido muito bom para mim. Mas quando me tornei rapaz, não quis ser pesado a ele e pedir-lhe para trabalhar em seu “atelier” de arquitetura...

Lúcia: Você também quer ser engenheiro?

Carlos: Quero. Trabalho no “atelier” de dia, e estudo à noite. Quando terminar o científico irei para a Universidade.

Lúcia: Você é um rapaz inteligente Carlos, e vencerá... (O JUDOKA. Rio de Janeiro:EBAL, no.7, 1969)

Trabalho e estudo! E de preferência em cursos de tecnologia e ciências exatas como é caso do curso de engenharia, nada de cursos de natureza filosófica, nada de ciências humanas, nada da antiga formação clássica, enfim nada que pudesse aproximar a juventude de pensamentos e inclinações políticas indesejáveis para o período.

Mas qual o sentido de toda essa apologia?

Um possível caminho para respondermos a essa questão surge da suspeita de que a Editora Brasil-América nutria fortes laços de afinidade com o governo militar. Nada mais justo. Afinal não devemos esquecer que as concessões para a utilização de meios de comunicação dependiam – como até hoje ainda dependem – diretamente do aval do governo que a época era ditatorial. No entanto, há indícios de que essa afinidade ia além de uma mera relação de “vassalagem” entre a Ditadura e a EBAL, como se pode observar na propaganda

⁵ Nos números subsequentes da revista a personagem Lúcia além de se tornar a namorada de Carlos “O Judoka”, irá também tomar parte nas estórias como a “Mulher Judoka”, nos levando a crer que o quadrinho também fazia sucesso entre o público jovem feminino, ou ao menos que essa era uma intenção de seus editores.

encontrada na última página de um dos exemplares de “O Judoka”, onde se observa a inusitada “História do Brasil em Quadrinhos” (figura 4).



Figura 4.

A figura 4 mostra no detalhe as ilustrações dos presidentes Costa e Silva, Médici, além dos Generais Lyra Tavares, Augusto Rademaker e Márcio de Souza e Melo que compuseram a “Junta Militar Provisória”, após o adocimento a afastamento de Costa e Silva, precedidas pelo seguinte texto propaganda:

Do ano da descoberta do Brasil (1500) ao ano da posse de do Presidente Garrastazu Médici no governo da república (1969) são quase cinco séculos de história da Brasil, condensados em 399 legendas e desenhos de Ivan Wash Rodrigues, reconstituindo aspectos, trajes e fatos da História Pátria, narrados com serenidade. (O JUDOKA. Rio de Janeiro:EBAL, no.11, 1970)

No trecho acima é interessante notar para além da incontestável posição pró-regime militar adotada pela EBAL algo ainda mais alarmante, especialmente ao final do texto quando se diz tratar-se de “*fatos da História Pátria, narrados com serenidade*”, o que nos leva a questionar: que fatos seriam subtraídos ou adicionados a essa história em nome da propalada “serenidade”?

De qualquer maneira o posicionamento da EBAL como “arauto” do regime ao público jovem, e a publicação da revista “O Judoka” na forma como ocorreu nos leva a crer na existência, ou ao menos na intenção de se estabelecer uma proximidade entre as artes marciais e o Governo Militar Brasileiro.

Aparentemente inocente para os mais desavisados, essa relação entre Ditadura Militar Brasileira e artes marciais orientais está longe ser fruto de um acaso insólito. Mais do isso ela reacende uma discussão iniciada por nós no mestrado onde trouxemos à tona a papel de destaque que a proximidade entre os mestres coreanos e membros do governo militar

exerceu no estabelecimento da colônia coreana na cidade de São Paulo e na difusão da Arte Marcial Taekwondo⁶. Mas como isso estaria relacionado com os quadrinhos?

Essa resposta não nos parece tão simples, porém um indício parece estar relacionado com um outro aspecto muito interessante acerca do periódico “O Judoka” e que se refere ao fato de que desde os primeiros números essa revista em quadrinhos apresentar em suas páginas finais dois pontos: o primeiro deles eram desenhos didáticos sobre algumas técnicas de artes marciais, mais especificamente de Judô. Como se pode observar no trecho abaixo:

A partir deste número, O Judoka vai ensinar a você um pouco de defesa pessoal. Se você não perder nenhum número da série e lições que vamos apresentar, em pouco tempo terá reunido bons conhecimentos de luta livre e jiu-jitsu. Mas... não vá empregar o que aprender no seu irmãozinho menor, pois o bom judoka só usa seus conhecimentos em situações críticas, e quando encontra um adversário bem mais forte. Guarde os seus golpes apenas para quando se fizerem necessários. (O JUDOKA. Rio de Janeiro:EBAL, no.1, 1969)

Menos do que a intenção de ensinar realmente algumas técnicas de artes marciais esse suplemento da revista parece ter exercido uma função de propaganda para esse tipo de atividade (figura 5). E nesse sentido questiona-se: quem se queria ver beneficiado por esse tipo de propaganda?



Figura 5.

O segundo, e aí está o ponto para o qual queremos atentar se refere à publicação de um boletim informativo sobre artes marciais, o “Judô Notícias”. Esse boletim trazia informações sobre academias e campeonatos de Judô e outras artes marciais, de várias partes do país com destaque para o Rio de Janeiro e São Paulo e que, tal como nos desenhos didáticos de técnicas, parece ter exercido uma função de propaganda (figura 6).

⁶ Para mais informações confira: MARTA, Felipe Eduardo Ferreira, 2004.



Figura 6.

Propaganda sim, e quanto a isso não resta dúvida. Porém, seguindo a linha de raciocínio que liga as Artes Marciais ao Governo Militar questiona-se se a EBAL, que de acordo com aquilo apuramos até o momento era alinhada com o regime militar concordaria em publicar textos de pessoas que não comungassem da mesma corrente político-ideológica.

Contudo essa certeza virá somente como o entrecruzamento de outras fontes como, por exemplo, os depoimentos dos editores da revista bem como dos mestres que tiveram lugar nas páginas do boletim “Judô Noticiais”.

Considerações Finais

Ao finalizar gostaríamos de chamar a atenção para dois pontos. O primeiro deles seria a constatação de que o binômio Regime Militar Brasileiro/Arte Marcial Oriental pode ser uma possibilidade de explicação para o desenvolvimento de outras artes marciais além do Taekwondo.

Nesse particular nossas pesquisas no sentido de detectar a existência de um terreno fértil onde as artes marciais orientais puderam germinar nos grandes centros urbanos brasileiros interiorizando-se lentamente, têm apontado para o importante papel exercido, por essa associação. Contudo, não tem sido fácil encontrar dados concretos sobre o assunto em função da grande dificuldade de acesso aos documentos do período ou mesmo a depoimentos de pessoas envolvidas nesse processo. De qualquer maneira é pelas “margens” estamos transitando, pois quem sabe assim consigamos maiores progressos.

O segundo ponto é grande riqueza de possibilidades de análise que o trabalho com as revistas em quadrinhos nos tem oportunizado.

Nesse sentido, mais do que uma contribuição pontual ao nosso objeto de estudo o trabalho com esse tipo de material têm apontado para uma nova forma de apreensão do cotidiano passado.

Essa riqueza, que acreditamos ser ainda maior aos historiadores do esporte, emerge na medida em que por meio da análise dos supostamente “inocentes” “gibis” nos tem sido possível o acesso aos ecos do universo infanto-juvenil de outras épocas. Um universo que traz no bojo dos estereótipos presentes nas estórias características dos costumes em especial no que se refere aos gostos por determinados esportes e atividades de lazer presentes no viver urbano.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? . In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Geração Editorial: Edusp, 2000.

MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. **O caminho dos pés e das mãos: taekwondo. Arte marcial, esporte e colônia coreana em São Paulo (1970 – 2000)**. São Paulo, 2004 (Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Estudos Pós-graduados em História da Puc/SP).

NAKADATE, Jouji. **O Japão venceu os aliados na Segunda Guerra Mundial? O Movimento social “Shindô-Renmei” em São Paulo (1945 – 1949)**. São Paulo, 1988. (Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Estudos Pós-graduados em História da Puc/SP).

O JUDOKA. Rio de Janeiro: EBAL, no. 1, 1969.

O JUDOKA. Rio de Janeiro: EBAL, no. 7, 1969.

O JUDOKA. Rio de Janeiro: EBAL, no. 11, 1970.